

A ESTÉTICA E O OLHAR *SUB SPECIE AETERNI* NA FILOSOFIA DO JOVEM WITTGENSTEIN

THE AESTHETICS AND THE LOOK *SUB SPECIE AETERNI* IN THE
YOUNG WITTGENSTEIN'S PHILOSOPHY

Edimar Inocência Brígido¹

RESUMO:

A questão estética figura entre os elementos menos estudados no pensamento wittgensteiniano. Porém, estudos recentes apontam para a importância da temática para uma correta interpretação da atividade filosófica do autor vienense. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo analisar o espaço que a estética ocupa na filosofia do jovem Wittgenstein. No *Tractatus* a estética surge indiretamente e rompe de maneira surpreendente dentro do aforismo 6.421, o qual afirma que “ética e estética são um”, em seguida a única coisa que resta é o silêncio. Ainda assim, aproximando esta leitura a leitura dos *Diários*, é possível estabelecer relações e compreender qual seja o espaço que a estética ocupa neste primeiro momento na obra do autor. É desta confluência (entre *Tractatus* e *Diários*), que a questão estética recebe luz. Nestes primeiros escritos, quando Wittgenstein emprega o termo estética, está se referindo a um modo específico de olhar. Trata-se de ver e de contemplar o mundo como uma verdadeira obra de arte. Segundo o filósofo, só é possível ver o mundo como obra de arte se ele for visto de uma maneira particular, ou seja, *sub specie aeterni* (sob a forma do eterno). Trata-se de captar e contemplar o mundo a partir do exterior, fora do tempo e do espaço, o que possibilita uma transformação na maneira de ver. Isso corresponde a dizer que o ponto de vista estético se atinge mediante um distanciamento dos objetos em geral, uma interrupção temporal, cuja finalidade consiste na abolição de todo o mecanismo conceitual que sobre eles pesa enquanto objetos do entendimento. O resultado desta atitude é a felicidade, pois, segundo as considerações de Wittgenstein, “é assim o mundo do homem feliz”.

Palavras-chave: Estética. Olhar. Mundo. Transformação. Milagre. Obra de arte.

ABSTRACT:

The question of aesthetic is amongst the least studied elements in Wittgenstein thinking. However recent studies point to the importance of theme for a correct interpretation of the philosophical writings of the viennese author. As such, the objective of this paper is to analyse the space that aesthetic occupies in the philosophy of the young Wittgenstein. In *Tractatus*, the aesthetic surges indirectly and breaks in an amazing way inside the aphorism 6.421, which affirms that "ethics and aesthetic are one", after which the only thing that remains is silence. Nevertheless, comparing these readings to the readings of the *Diaries* is possible to establish a relationship and understand the space that the aesthetic occupies in a first moment of the author's work. It is about this confluence (between *Tractatus* and *Diaries*), that the aesthetic question receives some kind of enlightenment. In these early writings, when Wittgenstein uses the term aesthetic, he is referring to a specific way of looking. It is about seeing and contemplating the world as a true work of art. According to the philosopher, it is only possible to see the world as a work of art if it is seen in a particular way, in other words, *sub specie aeterni* (in the form of eternal). It is about capturing and contemplating the world from the exterior, outside time and space, that makes it possible to transform how you see. This is to say that the aesthetic point of view is reached through a distancing of the objects in general, like a temporal break, whose purpose consist of an abolition of all conceptual apparatus that weighs upon them as objects of understanding. The result of this attitude is happiness, according to Wittgenstein, "So is the world of a happy man".

Keywords: Aesthetic. Look. World. Transformation. Miracle. Work of art.

¹ Mestrando em Filosofia pela PUCPR. Professor de Filosofia e Ética no Centro Universitário UNICURITIBA. Artigo recebido em 03/08/2013 e aprovado para publicação em 15/10/2013.

INTRODUÇÃO

Poucos temas do pensamento wittgensteiniano granjearam tão pouca estima como a questão estética. A análise feita por Hans-Johann Glock parece reunir bem a opinião de boa parte dos comentadores de Wittgenstein: “a estética não figurava entre os interesses filosóficos centrais de Wittgenstein; em sua vida, entretanto, a arte, em especial a música, ocupou um lugar de primeira grandeza” (GLOCK, 1998, p. 139). Se se levar em consideração as afirmações de Glock, a estética só ocuparia um centro de interesse periférico na obra do autor vienense, uma vez que ela é citada apenas uma única vez na única obra publicada em vida por Wittgenstein, o *Tractatus Logico-Philosophicus*. Mesmo mantendo uma relação profunda com a arte², grande parte da crítica se limitou a identificar Wittgenstein como sendo o pioneiro de um antiessencialismo estético e artístico.

No chamado “primeiro Wittgenstein”, a estética e os problemas da arte ficam em suspenso: o mundo lógico e com sentido do *Tractatus* não admite objetos ou ações diferentes uns dos outros e a ação ética e a obra de arte são a apresentação de uma diferença e um excesso relativamente aos objetos e aos fatos mundanos descritos pela lógica. Ainda que esta paisagem seja árida, trata-se do local onde se aprende que, como Wittgenstein vai afirmar na *Conferência sobre Ética* (1930), não existe nada essencialmente bom ou belo e os valores e os problemas que designamos como éticos e estéticos resultam de uma experiência humana com os limites do mundo, da linguagem, da representação e do sentido. Na moldura do *Tractatus*, o estético e o ético significam um excesso que não pode ser suportado. Por isso, a partir de um dado momento, no *Tractatus*, surge o importante conceito *sub specie aeterni* (sob a forma do eterno), o qual designa uma forma de visão e contemplação que implica a suspensão do tempo. Trata-se da descrição do olhar sobre o mundo que transforma os objetos percebidos, os fatos e os estados de coisas em obras de arte. É por isso que Wittgenstein diz que a ética e a estética transformam o mundo. O percurso pelo *Tractatus* tem como finalidade mostrar que do ponto de vista lógico, científico e matemático não há valor, arte, ética ou, como diz Wittgenstein na mesma conferência, *milagre*. O modo de ver da ciência não permite reconhecer essas regiões mais importantes da vida humana.

² Entre outros elementos, sabemos que o filósofo projetou a casa de sua irmã em um estilo modernista, que criou um prêmio de poesia e que, além disso, mantinha uma intensa relação com a música, para a qual parecia especialmente capacitado.

O OLHAR *SUB SPECIE AETERNI*

A assimilação realizada por Wittgenstein entre ética e estética não foi bem compreendida por muitos dos seus leitores, gerando até mesmo uma aparente falta de interesse. É possível que este aparente desinteresse oscile entre a atitude de indiferença de uns e a indignação de outros. A falta de popularidade da questão não é de todo infundada, mas parte da dificuldade de compreender a enigmática tese tractariana que afirma: “[...] ética e estética são um” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 277).

Em todo o caso, mesmo as dificuldades inerentes ao próprio tema, não podem ser entendidos como barreira ou impedimento para a análise que nos propomos a realizar. Os próprios textos de Wittgenstein não podem deixar de conter a chave ou, ao menos, de indicar algum caminho seguro que, de algum modo, ofereça uma pista a partir da qual seja possível sua correta interpretação.

Uma análise mais demorada da tradição filosófica pode indicar um nítido afastamento entre Ética e Estética, ou seja, uma relevante heterogeneidade entre ambas. Não parece evidente, a primeira vista, o que um estudo da questão ética³ pode ter em comum com uma pesquisa de ordem estética. Isto é, não parece claro o que a indagação ética poderá ter em comum com a análise estética que, grosso modo, tem como objeto questões relativa à apreciação do belo, das obras de arte, ou ainda, faz referência a própria atividade artística⁴. Assim, sem uma análise mediata a respeito do enunciado citado (Ética e Estética), não se consegue entender a identificação, tampouco, se consegue chegar ao lugar que a Estética ocupa no pensamento e, sobretudo, na atividade filosófica de Wittgenstein, pois, o que a tradição sugere, como vimos, é um contínuo afastamento entre ambas.

É preciso lembrar que uma das atitudes típicas que caracterizam a produção intelectual de Wittgenstein é a característica de fazer emergir os temas mais relevantes de forma súbita e inesperada no corpo do texto. Certamente, é possível considerar que a questão estética não se encontra alheia a esta possível “regra”. Em geral, o surgimento inesperado de uma informação

³ Uma análise de ordem ética que, grosso modo, procure determinar uma complexa rede de questões ligadas ao dever ser, ao bem e ao mal, à liberdade, à voluntariedade, ao estabelecimento de leis capazes de servir de medida às ações e ao apuramento de princípios de orientação na vida prática.

⁴ Se resgatarmos a raiz etimológica da palavra “estética”, é possível perceber que, originalmente, o termo não faz referência à ideia de beleza, mas acabou sendo associada tanto ao belo, quanto às artes em geral. Foi a partir do idealismo alemão, que se passou a utilizar o termo estética para identificar a arte (HUISMAN, 1984, p. 09).

acarreta como consequência a falta de observação por parte do interlocutor, o que pode gerar graves equívocos, uma vez que, no caso de Wittgenstein, essa característica é uma forma de alerta, chamando a atenção do leitor para a existência de um problema significativo, de grande relevância, o qual não pode ser negligenciado.

Fica manifesto, desde já, que Wittgenstein trata da temática da ética de maneira original, rompendo com os recursos de análise utilizados pela filosofia ao longo da tradição. Porém, é mais surpreendente perceber, e esta é uma informação de grande importância, que ele trata dos mesmos problemas na esfera tanto da Ética quanto da Estética, conforme assegura em dois momentos: O primeiro, na proposição 6.421, onde afirmar que “é evidente que a Ética não se pode expressar. A Ética é Transcendental. (Ética e Estética são um)” (WITTGENSTEIN, 2010. p. 277). O segundo momento que permite aplicar a mesma análise para ambos os casos (Ética e Estética), é oriundo da *Conferência sobre ética*, onde, anos mais tarde, Wittgenstein declara: “Agora vou usar o termo ética num sentido ligeiramente mais amplo, num sentido que, de fato, inclui aquilo que acredito ser a parte mais essencial do que geralmente é chamado estética” (WITTGENSTEIN, 1995, p.38). Seguindo as considerações de Crespo: “Declaração esta que, em conjunto com a identificação de ética com a estética declarada pelo *Tractatus*, autoriza fazer transições entre o que Wittgenstein diz sobre ética e a esfera da estética” (CRESPO, 2011, p. 223). Esta informação é de fundamental importância para a correta compreensão do papel desempenhado pela estética no pensamento wittgensteiniano, bem como para o êxito deste trabalho.

A proposição tractariana 6.421, afirma categoricamente que ética e estética são um. Antes desta afirmação, Wittgenstein anunciou de forma clara, como se fossem premissas derivadas de um silogismo, que não existem proposições de ética e que a ética pertence a dimensão do inefável, sendo transcendental. Ora, diante do exposto é possível concluir que o argumento também se aplica a estética, se uma e outra são o mesmo (são um), é de admitir também que a estética é transcendental e, portanto, não passível de qualquer enunciação por meio da linguagem. É comum encontrar em diversos momentos de sua atividade filosófica, confirmações que defendem a impossibilidade de enunciados éticos e, portanto, também, a impossibilidade de enunciados estéticos e religiosos. É este o caso, por exemplo, da proposição 6.42 que afirma: “É por isso que tampouco pode haver proposições na ética. Proposições não podem exprimir nada de mais alto” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 275), ou

ainda, fazendo referência a estética, afirma na obra *Cultura e Valor* que “em arte é difícil dizer-se algo tão bom como: nada dizer” (1980, p. 42).

Quando Wittgenstein emprega o termo Estética, no *Tractatus*, ele se refere a uma forma peculiar de olhar, de observar o mundo e de mergulhar de forma contemplativa em sua beleza. Trata-se de admirar o mundo de modo correto, ou seja, como uma verdadeira obra de arte. Pois, cada vez que Wittgenstein invoca o ponto de vista da estética, está pensando na beleza da natureza (CRESPO, 2011), em relação a qual a grandiosidade da produção artística representa apenas uma ínfima parcela:

En sus notas y observaciones, Wittgenstein establece una distinción básica entre el campo de la *arte*, mucho más restringido que el anterior. Mientras que el concepto de ‘arte’ se refiere a un dominio específico de objetos – las obras de arte – o de prácticas – las artes –, el término ‘estética’ designa un conjunto mucho más amplio de manifestaciones y actitudes, no sólo respecto a las obras artísticas, sino también respecto al mundo y a la vida humana. (MARRADES, 2013, p. 11-12)

Ao dizer respeito ao mundo e a vida humana, Wittgenstein entende que só existe uma maneira possível de ver o mundo como obra de arte: se ele for visto *sub specie aeternitatis*⁵, ou seja, “sob a forma da eternidade”. “Esta visión es la forma más alta de percibir las cosas y difere de la inadecuada percepción propia de la opinión y la imaginación” (SOMAVILLA, 2013, p. 51). Isso corresponde a dizer que o ponto de vista estético se atinge mediante um distanciamento dos objetos em geral, uma interrupção temporal, cuja finalidade consiste na abolição de todo o mecanismo conceitual que sobre eles pesa enquanto objetos do entendimento. Quer dizer, o ponto de vista estético desconsidera a apreensão dos objetos enquanto fenômenos, tratando de contemplá-los como verdadeiras obras de arte⁶, o que não significa anular o fenômeno, pois,

este movimento de destacar algo, (...) permanece preso ao fenômeno, não o anula (como na cabeça C - P o desenho permanece o mesmo, mesmo que de cada vez se veja coisas diferentes), por isso é que esta maneira de olhar o mundo é um combate contra a cegueira que restitui o mundo. (CRESPO, 2011, p. 268)

A consequência dessa atitude reflete uma transformação no próprio olhar, através do qual o expectador capta o objeto e o próprio mundo de um determinado *modo*. “No se trata de

⁵ Termo utilizado por Wittgenstein, mas derivado da expressão latina cunhado por Spinoza: *sub specie aeternitatis*.

⁶ O que não precisa ser, necessariamente, peças de ‘belas artes’, como: escultura, pintura, partitura, arquitetura, etc.

ver algo más sino de ver de *otra manera*” (ARENAS, 2013, p. 108). A questão central consiste em compreender como é possível efetuar essa mudança, de que maneira é possível olhar para os objetos e para o mundo e vê-los, segundo Wittgenstein, com um olhar estético. Ora, captar o mundo e os objetos deste modo consiste em apreendê-los, *sub specie aeterni*. “A visão estética corresponde a uma experiência com dois aspectos principais: é uma experiência de excesso e é uma experiência de transformação dos limites do mundo” (CRESPO, 2011, p. 221).

De tal modo que o mundo se transforma em sua totalidade e, nesta perspectiva, também as coisas singulares assumem uma importância ímpar como partes componentes do todo. Assim, quem contempla os objetos desta maneira retira-lhes as formas regulares que emolduram a sua compreensão a partir de finalidades de conhecimento.

Mas trata-se de uma transformação particular, porque aquele que reconhece valor no mundo afasta-se do mundo não o perdendo de vista: os factos continuam a existir e o mundo, enquanto totalidade daquilo que acontece, permanece. Este movimento de transformação é descrito por Wittgenstein como se o sujeito, no caso da ética, pudesse pôr-se no exterior do mundo, o que significa uma saída do sujeito para fora de si próprio. (CRESPO, 2011, p. 227-228)

Como que, nas palavras de Crespo, a apreensão dos objetos fosse feito a partir do exterior e sem qualquer interesse ou outra motivação a não ser o prazer que a contemplação proporciona. Estar no espaço e no tempo significa ser atingido por eles. Recusar a influência sobre os fatos é o mesmo que suspender o tempo, não estar no tempo, mas viver no presente: “[...] vive eternamente quem vive no presente” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 277). O que permite concluir que, de acordo com as considerações de Somavilla (2013, p. 51), “el punto de vista *sub specie aeternitatis* transcende el tiempo y el espacio.

Assim, a apreensão estética traduz uma maneira particular de o observador ser atingido pelos objetos enquanto meras aparições que agradam ao sujeito por ocasião da sua contemplação. “O mundo me é dado”, escreve Wittgenstein nos *Diários* (8.7.1916), “isto é, a minha vontade alcança o mundo todo do exterior como se ele fosse um todo limitado”. Essa transformação que acontece com um objeto qualquer, quando contemplado com o olhar *sub specie aeterni*, é a mesma que a obra de arte realiza na esfera artística⁷. Diferentemente de Spinoza que compreendia a visão *sub specie aeternitatis* como a percepção contingente da

⁷ Os girassóis representados pelos quadros de Van Gogh resistem a temporalidade, eles não murcham, nem morrem. Trata-se de uma transformação do olhar onde a imagem continua sendo a mesma para todos os espectadores, porém cada qual a observa de uma determinada maneira.

razão que conduz a uma vida virtuosa, “Wittgenstein sostiene que el punto de vista *sub specie aeternitatis* se dirige hacia cualquier esfera del espíritu y la cultura humana, especialmente los campos del lenguaje, de la filosofía y del arte” (SOMAVILLA, 2013, p. 53).

Mas esta mudança na forma de olhar só é possível se as coisas forem olhadas como obras de “Deus”⁸, descobrindo em cada coisa o reflexo do *milagre* que o mundo, e tudo o que há nele, revelam. Ou seja, é como se a beleza das coisas se impusessem a partir do fato, da ruptura ontológica, de existirem como são. O ponto de vista estético manifesta o singular enquanto tal e, atira para um plano de completa irrelevância as formas categoriais a partir das quais as coisas são objetos classificados. Tudo isso é assegurado da seguinte forma:

A obra de arte é o objeto visto *sub specie aeternitatis*, e a vida boa é o mundo visto *sub specie aeternitatis*. Este é o elo entre arte e ética.
A maneira usual de olhar vê os objetos quase de dentro; a visão *sub specie aeternitatis* é de fora.
De tal maneira que eles têm por fundo o mundo inteiro. (WITTGENSTEIN, 1971, p. 154)

Assim, é possível destacar desta nota ao menos dois elementos relevantes, os quais contribuem para a análise da questão estética em Wittgenstein. O primeiro faz referência a semelhança entre Ética e Estética. O segundo, por sua vez, situa o objeto no espaço lógico, enquanto visto como obra de arte e enquanto visto como algo comum.

É importante salientar que a conversão de um objeto ordinário em objeto artístico anuncia uma revolução relativa ao habitual modo de ver. Ou seja, o ponto de vista estético não considera o objeto à luz dos conceitos do entendimento em conexão com as formas puras da intuição⁹. O modo de vista estético prescinde das condições gerais a partir das quais os fenômenos acontecem no plano empírico. Esta alteração das formas puras da intuição e das categorias do entendimento origina uma compreensão completamente nova do objeto. Consoante às considerações de Crespo (2011, p. 257),

⁸ Wittgenstein não aborda a ideia de Deus em sentido teológico, mas entende Deus como a maneira que tudo se comporta. Não é possível precisar com exatidão que tipo de Deus é o de Wittgenstein, mas parece ser uma forma de expressar aquilo que é impossível descrever por meio da linguagem. Ao utilizar o conceito Deus, Wittgenstein não está professando uma espécie de religião, mas é como se Deus fosse invocado para expressar um sentimento de admiração e de harmonia, com relação ao mundo (CRESPO, 2011, p. 238).

⁹ Para usar um termo kantiano, o ponto de vista estético não considera o objeto à luz dos conceitos do entendimento em ligação com as formas puras da intuição, com vista ao seu agrupamento em classes ou categorias.

esta mutação das coisas em obra de arte, implica o reconhecimento que a mais vulgar de todas as coisas, ou ações, pode assumir um aspecto estético ou divino, o qual resulta não de uma transformação do mundo, mas do olhar.

É o olhar que se altera e não o objeto. Trata-se, portanto, de uma questão de interpretação: “Mas podemos também *ver* a ilustração (ou o objeto) ora como uma, ora como outra coisa. – Portanto, nós a interpretamos e a *vemos* como a *interpretamos*” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 178). O olhar estético retira dos objetos toda a sua consistência fática, ou seja, todas as determinações objetivas, que o isolam, para fixar o aspecto peculiar da forma de ver que é próprio disso a que ele, o autor, chama de estético. Trata-se, de acordo com o vocabulário de Wittgenstein, de um olhar *milagroso*.

Cabe lembrar que, o conceito de milagre não tem nenhuma referência com o seu sentido empregado na forma corrente, ou seja, como um acontecimento que contraria as leis naturais ou mesmo as categorias racionais.

Um milagre é, por assim dizer, um *gesto* feito por Deus. Tal como um homem tranquilamente sentado faz um gesto impressivo, Deus deixa o mundo seguir suavemente o seu curso e, em seguida, acompanha as palavras de um santo com uma ocorrência simbólica, um gesto da natureza. Um exemplo seria, ao falar um santo, as árvores à sua volta curvarem-se numa névia. Ora, será que eu acredito que tal acontece? Não. (WITTGENSTEIN, 1980, p. 71)

Milagre, para Wittgenstein, tem o sentido de admiração, de espanto por isto que está aí, por isto que existe, e nada pode ser mais espantoso do que a existência do próprio mundo. Tanto no que tange o milagre quanto a arte¹⁰, o que é decisivo é ser impressionado de um certo *modo*. É como no caso da música, quando diz que: “para mim esta frase musical é um gesto. Ela penetra na minha vida. Eu faço-a minha” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 109). Por conseguinte, esta forma de olhar se desvia da finalidade habitual de apreender os objetos enquanto subordinado por conceitos com vista ao conhecimento e, aquilo que se evidencia é a alegria, o prazer que é proporcionado a quem assim vê: “A vida é séria, a arte é alegre” (WITTGENSTEIN, 1961, p. 159).

Apenas aqueles que conseguem contemplar o mundo como uma obra de “Deus”, portanto, com um olhar de admiração, é capaz de sentir a felicidade, a alegria e a paz que Wittgenstein se refere: “ser feliz significa dedicar la propia vida al espíritu, libre de los deseos

¹⁰ Em outros diversos momentos Wittgenstein retoma a relação entre arte e milagre, podemos citar, por exemplo, *Cultura e Valor*, onde escreve: “Os milagres da natureza. Poderia dizer-se: a arte *mostra-nos* os milagres da natureza. Baseia-se no *conceito* de milagres da natureza (O desabrochar da flor. Que tem ele de *maravilhoso*?) Dizemos: ‘olha, ela já está a desabrochar!’” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 87).

de la voluntad, y, em términos de Schopenhauer, em contemplar simplemente como un ‘claro ojo del mundo’. Ello se consigue gracias a la contemplación estética” (SOMAVILLA, 2013, p. 52). Contemplar um objeto qualquer como obra de arte é resultado de uma maneira específica de ver, de uma modificação no olhar. O objeto contemplado é o mesmo para todas as pessoas, porém, para aquele que alterou sua maneira de *ver*, conseguiu encontrar ali uma expressão do belo. É importante salientar que a beleza não existe enquanto propriedade essencial nem accidental no objeto: a beleza é transcendental, é de responsabilidade do sujeito que observa. No entanto, é como se o belo se destacasse dos fenômenos quando estes são observados de um determinado modo, que lhes é favorável¹¹.

O que faz o sujeito feliz não são os acontecimentos do mundo ou um acontecimento específico, no sentido de ser uma alteração dos fatos do mundo, mas a felicidade é resultante de uma transformação do modo de ver, da intuição ou contemplação. “A felicidade”, salienta Crespo (2011, p. 233), “é o que liga a ética e a estética, ambas entendidas como modos particulares de ver o mundo, os objetos e a vida”. Logo, se os fatos continuam os mesmos, então é possível concluir que a vontade altera o mundo na medida em que acrescenta sentido ao que acontece.

Aquele que consegue apreender o mundo a partir do exterior, como alguém que consegue sair dele e é capaz de contemplá-lo de fora, está em condições de alcançar uma satisfação desinteressada, uma alegria e uma felicidade sem motivo específico. Essa pessoa contempla o mundo, mas não se confunde com ele, de modo que esta atitude estabelece uma conexão entre o horizonte estético e o horizonte ético, no ponto preciso de que contemplar o mundo esteticamente significa viver a obra de Deus como obra de Deus. Desta forma se torna de fácil compreensão a identificação entre ética e estética como sendo “um”. É esta a abordagem que Wittgenstein pretende apresentar quando utiliza o amigo Paul Engelmann como exemplo:

Engelmann disse-me que em casa, ao mexer uma gaveta cheia de manuscritos seus, estes lhe parece tão excelentes que pensa que valeria a pena dá-los a conhecer a outras pessoas. (Diz que o mesmo se passa ao ler cartas dos seus parentes já falecidos.) mas quando pensa em publicar uma seleção desses manuscritos, as coisas perdem o seu encanto e valor, o projeto torna-se impossível. Eu disse que tal se assemelhava o caso seguinte: nada há de mais extraordinário do que ver um homem, que pensa não estar a ser observado, a levar a cabo uma atividade vulgar e muito simples. Imaginemos um

¹¹ Quando há uma espécie de adequação que favorece o próprio objeto e causa prazer a quem assim desfruta dele, seja ao observar uma pintura, ao ler um poema ou a ouvir uma sinfonia, isso tem relação com a forma que o sujeito se desprende do uso ou de relações puramente funcionais com o objeto.

teatro; o pano sobe e vemos um homem sozinho num quarto, a andar para frente e para trás, a acender um cigarro, a sentar-se, etc., de modo que, subitamente, estamos a observar um ser humano do exterior, de um modo como, normalmente, nunca podemos observar-nos a nós mesmos; seria como observar com os nossos próprios olhos um capítulo de uma biografia – isto poderia, sem dúvida, ser ao mesmo tempo inquietante e maravilhoso. Estaríamos a observar algo mais admirável do que qualquer coisa que um dramaturgo pudesse arranjar para ser representado ou dito num palco: a própria vida. – mas isso é o que vemos todos os dias, sem que tal nos provoque a mais ligeira impressão! Sim, mas não o vemos *nessa* perspectiva. – Bem, quando Engelmann olha para o que escreveu e o acha extraordinário (embora não se preocupe com a publicação de qualquer dos seus escritos), vê a sua vida como uma obra de arte feita por Deus e, como tal, merecendo decerto ser contemplada, assim como qualquer vida e tudo o mais. Mas só o artista é capaz de apresentar assim uma coisa individual de modo que ela nos apareça como uma obra de arte; é *verdade* que esses manuscritos perderiam o seu valor se fossem examinados um a um e, especialmente, se fossem olhados *desinteressadamente*, isto é, por alguém que não sente por eles, à partida, qualquer entusiasmo. A obra de arte obriga-nos – por assim dizer – a vê-la da perspectiva correcta; mas na ausência da arte, o objeto é apenas um fragmento da natureza, como outro qualquer; *podemos* enaltece-lo com o nosso entusiasmo, mas isso não dá a ninguém o direito de com ele nos confrontar. (continuo a pensar num desses insípidos instantâneos fotográficos de um fragmento de paisagem que tem interesse para quem os atirou porque estava lá e sentiu algo; mas qualquer pessoa olhará para eles com frieza de um modo inteiramente justificado, até ao ponto em que é justificável olhar friamente para uma coisa.)
Mas parece também que há outra maneira de apreender o mundo *sub specie aeterni*, para além do trabalho do artista. É o caminho do pensamento que, por assim dizer, voa sobre o mundo e o deixa tal como é – observando-o de cima, em voo. (WITTGENSTEIN, 1980, p. 17-18)

Esta longa citação faz referência a uma experiência que, assim como a atividade filosófica, é uma experiência do homem consigo próprio, “com a sua compreensão, com o modo como vê as coisas” (CRESPO, 2011, p. 246). Além disso, o relato oferece ainda outro modo de captar o mundo que vai além do modo *sub specie aeterni*, o modo de captar pela via do pensamento. Trata-se do pensamento filosófico pela aplicação do modelo descritivo, ou seja, o modelo que deixa as coisas serem aquilo que são e estar como estão. É um método característico, que não deixa acrescentar nada, antes proíbe toda e qualquer interpretação apoiada em critérios científicos. Wittgenstein faz questão de deixar claro que não se trata de uma teoria, o que ele mesmo assegura quando afirma: “se me expusessem qualquer coisa que fosse uma *teoria*, eu diria: Não, não! Isso não me interessa – Não é aquilo que estou procurando” (WITTGENSTEIN *apud* MONK, 1995, p. 278). O que está em causa aqui é a recusa a qualquer tipo de *teoria*, qualquer que seja, que force os objetos a serem percebidos de acordo com critérios meramente especulativos – como no exemplo, citado anteriormente, dos girassóis pintados por Van Gogh. Quem assim consegue olhar as coisas ao seu redor, vive como se visse o desenrolar de sua própria vida.

A apreensão artística da vida e do mundo em geral, acontece quando o olhar neutraliza todo gênero de interpretação a partir de critérios fixados nas próprias coisas do mundo, e se liberta para assistir a tudo na percepção do seu milagre – do milagre no sentido absoluto que tratamos anteriormente.

Nas palavras de Wittgenstein, “o milagre artístico é que o mundo exista. Que exista o que existe. Se é a essência do modo de considerar artístico que considere o mundo com olhos felizes?” (WITTGENSTEIN, 1961, p. 145). É importante notar que a expressão “milagre artístico” conjuga os dois componentes que estão em análise na identificação da Ética e da Estética. Ou seja, a ideia de “milagre” está relacionada diretamente com a ética, com o bem, cuja fonte é Deus; e a noção de “artístico”, por sua vez, encontra representação no estético, que contempla o mundo. A finalidade da arte, de acordo com Wittgenstein, é a beleza e a finalidade da vida é a felicidade. Não existe uma sem existir a outra. E o alcançar de uma pressupõe e obriga, necessariamente, alcançar a outra.

De tudo isso, o que realmente sobressai, como síntese da relação entre Ética e Estética, é o recurso a um conceito muito caro à filosofia do filósofo: é a partir da consciência da unidade da vida do sujeito que se torna possível unificar o diverso, o diverso que parece não unificável – não só o Ético e o Estético, mas isso que está em causa neles – ou seja, tudo. “Só a partir da consciência da unicidade da minha vida nascem religião – conhecimento – e arte. (WITTGENSTEIN, 1961, p. 145). É importante salientar que o aspecto religioso¹² aparece como uma espécie de atracadouro onde se prende a concepção de Ética e Estética em Wittgenstein.

Em suma, é possível considerar que a estética se apresenta como um *motivo* que perpassa a totalidade do conjunto da obra de Wittgenstein, não podendo ser ignorado por seus leitores. Neste sentido, o olhar *sub specie aeterni* se destaca, sobretudo nos primeiros escritos do autor, como sendo o olhar que transforma o mundo, trata-se, portanto, do olhar do homem feliz, o qual contempla o mundo como uma verdadeira obra de arte.

¹² No que diz respeito à relação existente entre Wittgenstein e a religião, além dos elementos já apresentados, considerados relevantes para este estudo, não pretendemos aprofundar a discussão. Apenas, destacamos que, conforme assegura Wittgenstein, sua relação com a religião sofreu uma significativa transformação. De acordo com Monk (1995, p. 60), “sua atitude anteriormente insolente perante a religião modificara-se depois de assistir à peça *Die krezelscheiber* [Os que se firmam pela cruz], do dramaturgo e romancista austríaco Ludwig Anzengruber. É uma peça medíocre, mas uma das personagens expressa a ideia de que, não importa o que pudesse acontecer com o mundo, nada de ruim aconteceria com *ele*, pois era independente do destino e das circunstâncias. Essa idéia estoíca tocou Wittgenstein profundamente e ele comentou com Malcon que, pela primeira vez, via a possibilidade da religião”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos primeiros escritos, tanto no *Tractatus* quanto nos *Diários*, o ponto de vista estético se atinge mediante um afastamento dos objetos em geral, trata-se, portanto, de uma interrupção temporal e espacial. É preciso ver os objetos como verdadeiras obras de arte, e não simplesmente como fenômenos, o que não significa anular o fenômeno. Wittgenstein defende uma transformação do olhar, mediante o qual o espectador capta o objeto de um determinado modo. A questão fundamental consiste em compreender como é possível efetuar esta mudança, ou seja, de que maneira é possível olhar para os objetos e para o mundo e vê-los com um olhar estético, como uma obra de arte.

Captar o mundo e os objetos deste modo consiste em apreendê-los *sub specie aeterni*, de tal modo que o mundo se transforma em sua totalidade. Trata-se de contemplar o mundo e os objetos a partir do exterior, fora do espaço e do tempo. Estar no espaço e no tempo significa, para Wittgenstein, ser atingido por eles, ser impotente frente à vida. O que ele sugere é suspender o tempo, não estar no tempo, mas no presente, afinal, “vive eternamente quem vive no presente”. Porém, esta mudança de visão só é possível se as coisas forem contempladas como verdadeiras obras de “Deus”, descobrindo em cada coisa o reflexo do “milagre” que o mundo revela.

O olhar estético retira dos objetos toda a sua consistência fática, ou seja, todas as determinações objetivas para fixar o modo peculiar de ver que Wittgenstein chama de estético. Trata-se, de acordo com o vocabulário wittgensteiniano, do olhar “milagroso”. Esta forma de olhar se desvia da finalidade habitual de apreender os objetos enquanto subordinados por conceitos com vista ao conhecimento e, aquilo que se evidencia é a alegria, o prazer que é proporcionado a quem assim vê: “a vida é séria, a arte é alegre”, diz Wittgenstein. Apenas quem consegue contemplar o mundo como uma obra de “Deus”, portanto, com um olhar de admiração, é capaz de sentir a felicidade, a alegria e a paz a que Wittgenstein se refere. O que faz o homem feliz não são os acontecimentos do mundo, mas a felicidade é resultante de uma transformação do modo de ver. Por isso a análise estética é tão importante para a vida e para toda a filosofia.

REFERÊNCIAS

ARENAS, Luis. *A lo que el arte debe apuntar: el Tractatus y el ideal de la obra de arte en el joven Wittgenstein*. In: MARRADES, Julián. **Wittgenstein Arte e Filosofía**. Madrid: Plaza y Valdes, 2013.

CRESPO, Nuno. **Wittgenstein e a estética**. Lisboa. Assírio e Alvim, 2011.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Dicionários de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARRADES, Júlían. **Wittgenstein arte y filosofía**. Madrid: Plaza y Valdes, 2013.

MONK, Ray. **Wittgenstein: o dever do gênio**. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

SOMAVILLA, Ilse. *Las dimensiones del asombro em la filosofia de Wittgenstein*. In: MARRADES, Julián. **Wittgenstein Arte e Filosofía**. Madrid: Plaza y Valdes editores, 2013

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Lógico-Philosophicus**. São Paulo. USP. 2010.

_____. **Conferência sobre ética**: com dos comentários sobre la teoria del valor. Barcelona: Ed. Paidós, 1995.

_____. **Cultura e Valor**. Lisboa. Edições 70, 1980.